

“REBOLA BANDIDA!”

Beatriz Campos de Andrade

Esse trabalho foi realizado em uma escola municipal localizada na zona sul de São Paulo, próxima aos bairros do Morumbi e Paraisópolis, com duas turmas de 5ª séries durante o primeiro semestre deste ano. Embora eu tenha desenvolvido o projeto em duas turmas, neste relato focarei os acontecimentos em apenas uma delas. Nesta escola, no início do ano, foi discutido entre os gestores e professores o Projeto Pedagógico (PP) e o Plano Especial de Ação (PEA). Nessa discussão tentamos identificar os conflitos que adentram os muros escolares e que deveriam permear o currículo a fim de promover mudanças. Temas como as questões de gênero, sexualidade e raça foram levantados como norteadores para a discussão da diversidade cultural. Assim nosso PEA ficou definido como: “Conviver e Aprender: Respeito à diversidade”, cujo foco principal é o reconhecimento da diversidade cultural e a construção do respeito perante a diferença.

Para a escolha do tema com as turmas considerei os objetivos do PP e do PEA e as práticas culturais que havia trabalhado com o grupo anteriormente. Recordei que em uma das “festas” de encerramento do ano a dança apareceu como uma prática de diversão dos alunos e alunas. As músicas variavam entre *funk*, *Rebeldes* e *psy*. Tais considerações me acompanharam no início das aulas quando resolvi conversar com eles sobre as práticas culturais que faziam parte do dia a dia deles fora da escola. Nesse primeiro mapeamento coletivo fui escrevendo na lousa todas as práticas que compunham o repertório deles e conforme eles falavam eu fazia algumas perguntas para entender melhor o envolvimento deles com as práticas citadas. Dessa forma fui questionando sobre onde faziam, se todos eram adeptos de tal prática, como eles se organizavam para participar, em que locais do bairro aconteciam, entre outras questões. Essas informações foram anotadas também no meu caderno de registros para que eu pudesse ir organizando o plano de ensino.

Após esse diálogo inicial, considerei que nos anos anteriores a dança não havia sido contemplada pelo currículo e que no momento era uma prática em que muitos alunos apresentaram seus saberes, além de poder articular aos objetivos do PP e PEA na discussão sobre diversidade cultural. Assim defini a dança como o tema do I semestre 2012, porém eu ainda tinha dúvidas sobre qual dança iríamos estudar. Voltei ao

mapeamento. Novamente, em uma conversa coletiva e com anotações na lousa. Dessa vez perguntei sobre as danças que eles conheciam, quais eles praticavam, em que local dançavam e com quais pessoas. Percebi no primeiro instante que eles tinham dúvida em diferenciar o gênero musical do estilo de dança. Então fomos conversando, procurando exemplos na experiência deles, para compreender as diferenças. Nesse segundo mapeamento notei que o *funk* e o *psy* eram as danças que mais interessavam no momento e que mais eles tinham informações. Desse modo pedi para que na aula seguinte eles trouxessem CDs de músicas dos estilos citados para que pudéssemos organizar uma vivência.

Na aula combinada somente um aluno trouxe um cd de música *pop, dance, psy*. Alguns reclamaram de não ser *funk*, mas reforcei que eles tinham se comprometido a trazer as músicas e então ficaram novamente de trazer na aula seguinte. Organizei uma roda, coloquei a música e perguntei para eles como se dançava. A turma estava bem envergonhada no início, porém bastou um aluno mais extrovertido ir ao meio da roda e fazer uns passos com os pés deslizando que todos já identificaram e começaram a fazer. Alguns que afirmaram não terem familiaridade nenhuma com aqueles movimentos ficaram só olhando. Em um primeiro momento pedi para que esse aluno fizesse o passo bem devagar e ensinasse para os colegas que não sabiam, enquanto ele fazia isso, outros colegas começaram a ajudar e a trazer outros passos que eles denominaram como dança “*psy*”.

Após a vivência conversei com os alunos sobre os movimentos que eles fizeram tentando entender o que pra eles era dança *psy* e o que era *funk*. Os alunos esclareceram que os passos eram da dança eletrônica, mas que poderia se dançar *funk* com aqueles passos. A partir dessa informação indaguei sobre as formas de dançar, se existiam modos específicos para cada tipo de música. Os alunos alegaram que não, que cada um pode dançar do jeito que quiser, mas que existem alguns movimentos que acontecem mais em determinados tipos de dança, como exemplo o rebolado no *funk*. Para entender melhor sobre essas formas de dançar e definir um tipo de dança para aprofundar nossos estudos combinei com os alunos de eles trazerem na aula seguinte um cd de *funk* para que pudéssemos dançar e socializar outros passos de dança para uma posterior discussão.

Com o cd de *funk* iniciamos a aula. Novamente organizamos uma roda e deixei os alunos trazerem os passos deles. Percebi que estavam tímidos em relação ao dançar *funk* na escola como eles dançam em outros espaços fora da escola. Propus então que

eles se organizassem em pequenos grupos e dançassem do modo que eles dançam em outros espaços. Nessa subdivisão de grupos, algumas meninas começaram a dançar com passos e coreografias específicas, rebolando de diversas formas. Os meninos dançaram do mesmo modo que dançam o *psy*. A partir dessa observação pedi para os grupos para organizarem seus movimentos em pequenas sequencias de dança para posteriormente mostrarem para os colegas de sala.

Após as apresentações das sequencias percebi que só as meninas rebolaram, os meninos continuaram com os passos do *psy*. Considerando este fato, após a vivência reuni os alunos e perguntei se o rebolado era um movimento que qualquer um poderia realizar durante a dança. Os alunos afirmaram que sim e então indaguei os meninos sobre os motivos que o levaram a dançar o *funk* do mesmo modo que eles dançam *psy* e que nenhum deles utilizou o rebolado como movimento para suas sequencias de dança. Eles me responderam que os meninos até podem rebolar, mas que se fizessem isso seriam alvos de gozação em relação à sexualidade. Questionei o motivo da gozação e os alunos responderam que no “pancadão” existem muitos homossexuais e que eles dançam rebolando como as meninas.

Depois dessas considerações percebi que a questão de sexualidade em relação à prática cultural *funk* precisava ser problematizada e aprofundada. Neste momento voltei ao meu plano de ensino, aos mapeamentos iniciais e decidi que a diversidade cultural seria contemplada a partir da discussão acerca de gênero e sexualidade na dança *funk*. Com essa temática em mente busquei no documento das Orientações Curriculares expectativas de aprendizagem de acordo com a proposta. Em sala de aula aprofundi a discussão sobre os assuntos que haviam aparecido: o rebolado, o *funk*, os homossexuais, o pancadão.

Nessa discussão perguntei como o grupo percebia os homossexuais no pancadão; em que local esses alunos freqüentavam; como eles dançavam nesses espaços. Importante ressaltar que em um primeiro momento, alguns alunos se dirigiam a esse grupo através de nomes pejorativos e com certo preconceito. Quando indagados sobre o que significava tais termos, os alunos apresentavam dúvidas e então começaram a perguntar sobre as diferentes classificações de sexualidade: homossexual, heterossexual, transexual, bissexual, travesti. Tentei explicar pra eles o que significava cada termo e os alunos iam relacionando as informações com acontecimentos da vida cotidiana deles, muitos complementaram as explicações com assuntos que eles haviam assistido na TV. Após essa discussão organizamos coletivamente uma vivência de *funk*

com características que se aproximassem das festas que os alunos frequentam fora da escola.

Os alunos trouxeram as músicas, decidiram que não teria apresentação de grupos, que cada um poderia dançar livremente e que a luz da sala ficasse apagada para eles terem menos vergonha. Nesse dia alguns dos meninos começaram a dançar rebolando junto com as meninas. Percebendo o receio dos meninos, eu incentivei falando que eles poderiam dançar do jeito que eles quisessem que ali era um espaço para a dança deles. Aos poucos meninos e meninas começaram a dançar e a criar pequenas sequências de dança, e ao final da aula as meninas resolveram fazer um “desfile *gay*” com os meninos da sala. Os meninos imitavam os trejeitos desse grupo a partir do conhecimento deles. As meninas organizaram a ordem do desfile e inventavam nomes fictícios para os modelos, por exemplo, o João virava “Joanete”. Esse personagem desfilava pela sala de aula, dançava *funk* rebolando e tinha alguns adereços como bolsa, presilha de cabelo e camiseta do uniforme transformada em miniblusa.

Quando o desfile terminou reuni os alunos novamente para dialogarmos sobre o que tinha acontecido. Fiz algumas perguntas: Por que essa invenção de nomes, como Joanete? Os meninos dançaram rebolando porque estavam imitando os gays ou porque eles gostam de dançar assim? Rebolar é um movimento só para meninas e gays? É só no *funk* que se rebola? Ao tentarem responder as minhas provocações, os meninos afirmaram que rebolar pode ser um passo de qualquer dança e para qualquer pessoa, mas na maioria das vezes nos espaços públicos em que há dança, quando um menino rebola sempre tem comentários maldosos quanto à sua sexualidade e por isso eles preferem não rebolar. Eles também ressaltaram que são poucos os *funkeiros* do sexo masculino que dançam rebolando e que isso na maioria das vezes acontece com as mulheres e *gays*.

As meninas se posicionaram em relação ao desfile justificando que se inspiraram no personagem da “Valéria bandida” do programa de TV “Zorra total”. Elas acham engraçado e quiseram brincar com a ideia do programa. Quando perguntei sobre a sexualidade desse personagem, a turma ficou dividida, uns achavam que ela era travesti e outros acharam que ela era *gay*. Perguntei aos meninos se o fato de ter desfilado, imitado certos trejeitos do personagem alterava alguma coisa quanto à sexualidade deles. Eles responderam que não, que é uma brincadeira, um “teatrinho”. Por fim, perguntei pra eles se pensavam que todos os *gays* têm o mesmo tipo de vida e mesmas atitudes que eles demonstraram ali e se eles são respeitados no pancadão. Os alunos

afirmaram que existem diferentes formas de ser homossexual e que no pancadão assim como na nossa sociedade nem sempre são respeitados e muitas vezes apanham em público e são alvos de xingamento.

Após essas discussões solicitei um registro dos alunos sobre o que pra eles significava dançar *funk*, como eles poderiam expressar o que havia acontecido ali nas nossas vivências em relação a tudo que havíamos discutido. Após o registro, iniciamos uma conversa sobre o pancadão tentando entender a diferença entre o que acontece lá e o que estava acontecendo em nossas aulas. Começamos a conversar sobre o comportamento de meninos, meninas e *gays* nesse espaço. Os alunos no primeiro momento falaram que o que aconteceu na nossa aula não era um pancadão, porque um pancadão de verdade tem drogas, bebidas alcoólicas, mulheres com roupas indecentes e muita baixaria. Percebi que eles estavam com uma ideia única de pancadão e questionei: “Todo pancadão é assim? Vocês frequentam esse tipo de pancadão? É possível organizar de uma outra forma?”

O grupo respondeu que sim que poderíamos organizar o pancadão de outro modo e que não é porque eles curtem o som que eles são drogados e indecentes. Dessa forma eles combinaram de trazerem suas caixinhas de som, porque no pancadão existem vários carros com suas potentes caixas de som ao mesmo tempo; se organizaram para trazer refrigerante e comida para um lanche coletivo, luz apagada e pulseiras coloridas que brilham no escuro. Na aula do nosso pancadão iniciamos com *funk* e cada grupo dançando do seu jeito e ouvindo a música que queria (entre alguns alunos que estavam com suas caixinhas). Após alguns minutos pediram pra ouvir outros estilos musicais também, falaram que no pancadão deles não precisava ser somente *funk*. Tocamos sertanejo universitário e algumas músicas *pop*.

Nesse pancadão os meninos chamaram as meninas para uma disputa de dança e fizeram rápidos duelos de sequências e de rebolado (quem rebolava mais até o chão). Alguns meninos desfilaram novamente de “Valéria Bandida”. Com o andamento do projeto fui notando que os alunos foram pensando outras coisas sobre o que é ser homossexual, mas eu precisava trazer outros materiais para ampliar e aprofundar alguns questionamentos.

Como encaminhamento seguinte ao nosso pancadão retomei as discussões anteriores e trouxe alguns vídeos em que mostravam homens dançando funk de diversas formas e em diversos locais. Enquanto esses vídeos passavam, eu perguntava o que eles pensavam dos sujeitos do vídeo em relação à sexualidade, um aluno respondeu:

“Professora pelo vídeo não dá pra saber se o cara é *gay* ou não, porque ele está só dançando e não é porque ele dança rebolando que ele é *gay*”, outro completou “E também existem *gays* que nem gostam de dançar, de *funk*, que gostam de outras coisas e tem uma vida normal como a nossa”. O último vídeo era composto por vários slides de personalidades famosas que assumiram publicamente a homossexualidade. Neste momento passou pessoas de épocas bem diferentes das atuais e até algumas personalidades da história, os alunos acharam bem interessante perceber como a homossexualidade não é uma coisa só dos tempos atuais. “Professora se ainda hoje existem pessoas que não respeitam os gays e batem neles, imagina nessas épocas, de anos atrás, deveria ser bem pior né?”

As colocações dos alunos nos levaram a pensar sobre a questão de igualdade de direitos e como alguns discursos vão se fortalecendo em nossa sociedade, fazendo prevalecer a discriminação e o desrespeito a certos grupos minoritários. Notei nas palavras dos alunos que por mais que eles falassem que todos tem o direito de suas escolhas, eles ainda se pegavam utilizando termos pejorativos para tirar sarro e brincar entre eles. Considerando isso levei uma reportagem que contava o caso de um menino de 11 anos que fazia balé e que seus amigos de escola começaram a maltratá-lo alegando distúrbios de sexualidade devido à prática da dança. Li a reportagem para todos e ao final perguntei o que pensavam em relação ao assunto, como eles agiriam se a situação fosse com eles ou com algum colega de sala. Os alunos ficaram bem incomodados com a situação e assumiram que por mais que eles achassem que não tem nada a ver, que provavelmente alguns da sala iriam sim tirar sarro do menino porque não é comum um menino fazer balé.

Algumas meninas que já fizeram balé comentaram que já tinham visto meninos fazendo aula e que a sexualidade não tem nada a ver com a prática corporal. A partir da conversa eles fizeram um registro escrito pensando em quais atitudes teriam diante do caso lido. Chegando ao final do projeto, considerei todas as discussões e recordei-me que falamos pouco sobre as letras da música, sendo que em alguns momentos, os alunos comentaram de como as letras nos ensina a pensar certas coisas.

Retomei a conversa sobre as letras de música com os alunos articulando com as discussões sobre o rebolado, sobre a indecência que eles mesmos citaram. Propus um exercício de composição, para que eles criassem músicas deles que poderiam se tornar *funks* posteriormente. Para início, pegamos a música “Ai se eu te pego”, que eles sabiam de cor e era mais fácil para inventar outra música a partir desta. Em um primeiro

momento eles criaram suas músicas-paródias com temas livres e apresentaram para turma. Após essa primeira experiência em que expliquei o verso, a estrofe, as rimas, o refrão, passamos para a escrita musical do *funk*.

Para essa segunda composição levantamos um banco de palavras e expressões que fizeram parte de todo o nosso projeto (respeito às diferenças, roupas de marca, rebolar, homossexuais) para facilitar na criação da música. A idéia era que os alunos pudessem expressar em forma de música tudo aquilo que discutimos e como eles compreenderam. Depois de idas e vindas com as letras de músicas deles, iniciamos a gravação com um gravador de voz. Finalizada as gravações de voz, eu, professora, fiquei responsável de editar as músicas no computador e montar um cd com os *funks* produzidos e cantados por eles. Nos últimos dias de aula, os alunos assistiram aos seus vídeos e ouviram suas gravações de vozes.

Ao final do projeto percebi que os alunos conseguiram aprofundar os debates acerca da sexualidade e da relação com as práticas corporais, em especial o *funk*. Perceberam outras formas de dançar, perceberam outras formas de relação humanas, perceberam que a diferença não existe apenas por imposição, mas por uma construção simbólica que se fortalece com nossas palavras e atitudes. Os alunos dessa turma da 5ª série, podem ainda brincar e tecer alguns comentários a respeito de certas opções sexuais, mas reconhecem esse grupo minoritário como alvo de desrespeito aos direitos do sujeito cidadão da sociedade.